



TÉCNICA E MISTIFICCAÇÃO: EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE ESTÉTICA¹

Belarmino Cesar Guimarães da Costa

Diretor da Faculdade de Comunicação

Unimep - Universidade Metodista de Piracicaba

Resumo: Buscando a atualidade do termo indústria cultural, desenvolvido por Theodor Adorno e Max Horkheimer, no livro "Dialética do Esclarecimento", este artigo pretende problematizar a relação entre tecnologia, formação cultural e processo de barbárie estética. O eixo da discussão se dá na observação da subsunção da cultura aos parâmetros da produção industrial, com os prejuízos à formação estética e à inteligibilidade. Pretende ainda discorrer sobre o sentido educativo presente na Teoria Crítica que busca o esclarecimento da irracionalidade contida nos mecanismos de produção dos artefatos simbólicos.

Palavras-Chave: Educação, Indústria Cultural, Teoria Crítica.

Um dos problemas levantados pela *Dialética do Esclarecimento*², de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, obra publicada em 1947, nos EUA, tem sido a forma como a racionalidade técnica presente nos processos industriais de produção de mercadorias encontra equivalência nas condições de organização da esfera da cultura. A trajetória da produção cultural em se submeter à lógica da mercadoria, que acompanha um suposto progresso material para livrar a civilização da barbárie, pode ser identificada na legitimidade que os bens culturais adquirem em função da velocidade da circulação, na capacidade de romperem a

¹ Este texto dá seqüência às reflexões apresentadas no XXV Congresso da Intercom, no Núcleo de Pesquisa Comunicação e Educação, ano de 2002, e faz parte da estrutura do artigo que toma como eixo: "Dialética do Esclarecimento: A Sociedade da Sensação e da (Des)informação", artigo para a revista "Educação & Sociedade", no. 83, de agosto/2002, que apresenta como núcleo central a efeméride dos 100 anos de nascimento de Theodor W. Adorno.

² Livro publicado em 1947, no período de exílio nos Estados Unidos, e que demarca maior proximidade de Adorno e Horkheimer, bem como da Teoria Crítica, como referências epistemológicas para os estudos da comunicação, numa perspectiva de superação do pensamento positivista, quase sempre centrado meramente em abordagens isoladas ora nos agentes de produção, ora no processo de condução, ora nos receptores de mensagens. Deriva desta obra linhas de discussão que tendem a pensar o processo comunicativo como algo enraizado nas estruturas econômico-sociais e culturais que promovem (de)formações na sensorialidade e inteligibilidade humanas.

¹ Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação Educativa**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



dinâmica espaço-temporal ou, até mesmo, no fato de conquistarem o *status* do reconhecimento adquirido com o consumo massivo, independentemente da qualidade estética e de conteúdo.

Nesse momento de fragilidade da razão, paralelamente, se verifica que as mediações técnicas vão se tornando mais incisivas em presentificar os acontecimentos histórico-sociais e em utilizar o recurso do espetáculo, como forma de entretenimento e de busca do prazer.

Sob essa perspectiva, o processo de produção industrial da cultura instaura o seguinte antagonismo: a geração de um ambiente que comporta fluxos intensos de informação e, simultaneamente, o comprometimento da experiência. No livro “Estética da Violência, Jornalismo e Produção de Sentidos”, busquei trabalhar com a caracterização da mediação das tecnologias de comunicação, em particular, no uso da produção jornalística, com o propósito de observar como a incorporação da racionalidade instrumental esquematiza a forma de produzir a informação.

Num ambiente “cultural” que progressivamente sofisticou as técnicas oriundas da propaganda nazista, tornando-as imperceptíveis na publicidade e na mais ingênuo programação infantil, e naturalizou a mistificação como forma de entretenimento, tornou-se possível o engodo dos veículos de comunicação que ajuízam que o público é que anseia pela exposição da barbárie estética. Eis um mote aparentemente insofismável: a realidade é mostrada sem cortes, em tempo real e via redes mundiais, cuja legitimação se dá pela recorrência, multiplicidade de opiniões, mesmo que de forma fragmentada e descontínua.

A constatação de que “a sociedade atual a tudo confere um ar de semelhança”, de Adorno & Horkheimer (1985, p. 113) adquire, passado mais de meio século, uma evidência inexorável pela contínua exposição às mensagens dos *mass media* acompanhada de espetacularização, repetição e uso de meios multisensoriais, como a Internet, a tevê interativa e as novas tecnologias digitais e eletrônicas, que dispõem do recurso da hibridização de linguagens e dos suportes técnicos. Eis uma etapa mais avançada da civilização tecnológica: tornar ainda mais imperceptível o fato de que as mercadorias é que criam as necessidades humanas. Um mito da era das máquinas de inteligência e do conhecimento por simulação.

Frente a esta inversão, que acusa a existência de um processo de adaptação da sensibilidade particular à universalidade dos padrões estéticos e culturais de uma civilização que se reconhece na barbárie, cabe retomar alguns aspectos que definem a categoria de



“indústria cultural”, que Adorno e Horkheimer criam para apontar a falsidade do termo “cultura de massa³”, e depois localizar, em circunstâncias contemporâneas, como a disseminação de bens culturais padronizados causa uma naturalização da barbárie estética. Isto significa ficar atento às formas como a indústria cultural cria um ambiente de pré-sensibilização para um estado de alienação ante às condições de violência nos *mass media*.

1. Heteronomia no Processo de Consumo de Bens Culturais

Para que tenha validade a constatação de que as mercadorias é que criam seus consumidores, numa perspectiva de reunir argumentos que perpassam as esferas da educação e da comunicação social, cabe fazer o seguinte empreendimento: discorrer sobre os aspectos estruturais da indústria cultural e depois lidar com a questão da mediação das tecnologias no campo sensorial, numa perspectiva de antagonizar com pensamentos que tendem a positivar o irrefreável progresso.

1.1 Aspectos Estruturais da Indústria Cultural

A afirmação de que “o contraste técnico entre poucos centros de produção e uma recepção dispersa condicionaria a organização e o planejamento pela direção” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 114), de forma evidente, identifica que o monopólio dos meios de reprodução simbólica instaura a dúvida sobre a verdadeira necessidade social dos produtos da indústria cultural. A concentração de meios técnicos de comunicação, mesmo nesse momento de disseminação das chamadas tecnologias interativas, acentua-se e se integra cada vez ao complexo movimento de megafusões de empresas. Também tem sido comum a participação acionária de empresas de comunicação em setores estratégicos para a economia atual, tais como, telefonia, componentes eletrônicos e de fibras óticas etc.

³ Esta categoria escamoteia a dimensão do monopólio dos meios de comunicação de massa e a separação dos momentos de produção, circulação e consumo de bens simbólicos, cujo controle estrutural escapa à esfera da recepção. Adorno (In: COHN, 1978, p. 287) observa que o termo "cultura de massa" supõe a falsa idéia de uma cultura espontânea, como se fosse produzida em conformidade com o interesse da audiência, ou que esta se reconhecesse nela.

Mesmo que se reconheça que o processo de produção, como destaca Lins da Silva (1985, p. 21), depara-se permanentemente com contradições, já que explicitam interesses nem sempre convergentes entre empresários e profissionais de comunicação, ou ainda quando as mensagens podem ser interpretadas pela audiência, a desigualdade do controle logístico dos meios técnicos, inclusive em escala global, mascara a possibilidade de validar qualquer sentido para termos como: opinião pública, direito à informação, interação comunicativa.

Sem recair na ingenuidade de supor que os teóricos frankfurtianos minimizam o momento de recepção das mensagens dos meios de comunicação, como se desconsiderassem a subjetividade, a história de cada um, de cada grupo social, é preciso reconhecer que “a dominação sobre seres humanos continua a ser exercida através do processo econômico” (Adorno: 1986, p. 67). É preciso lembrar que, na sociedade industrial, apresentam-se forças contrárias à emancipação humana, dentre elas, o processo de trabalho que reifica e minimiza a capacidade de planejar, com prejuízos sensoriais e na capacidade de desenvolver linguagem.

Outro aspecto estrutural do funcionamento da indústria cultural, apreendido do livro “Dialética do Esclarecimento”, refere-se à sua natureza sistêmica, uma dimensão que escamoteia a possibilidade de escolha e a ilusão da concorrência. Adorno e & Horkheimer (1985, p. 116) destacam a questão da hierarquia das qualidades dos bens simbólicos, e a suposta diferenciação de conteúdo e de formato, como motes para a administração de necessidades escalonadas. Uma demonstração, sem que isto esgote esta recorrente prática de organização hierárquica, pode ser identificada na articulação entre a grade da programação televisiva e a agenda publicitária, que tende a justapor qualidade informativa, público-alvo receptor e a administração dos interesses comerciais das empresas patrocinadoras.

A hierarquização de qualidades é uma forma da indústria cultural integrar a totalidade da audiência - que se distingue, entre outros fatores, pela distância geográfica, condições sócio-econômicas e gênero - com os recursos da repetição de esquematismos e da reelaboração das culturas popular e erudita, na perspectiva de torná-las subprodutos que circulem como mercadorias.

Essa modalidade de classificar os bens simbólicos em faixas de consumo não se dá apenas pela distinção qualitativa dos produtos, como de revistas de fofoca que têm preço de capa meramente diferenciado em função do material editado graficamente, mas, também, de forma sutil: quando distingue a audiência pela brevidade ou distanciamento de acesso aos



bens simbólicos. Muitos se encontram excluídos da agenda cultural quando, já esgotadas todas as fases de esgotamento comercial de um filme (salas de cinema, locadoras, tevê a cabo/satélite), tem acesso pela tevê aberta, não tendo compartilhado os momentos decisivos de divulgação nos cadernos culturais.

É preciso notar que há uma falsa ambivalência entre os processos de hierarquização de qualidades e o fato da indústria cultural propender à homogeneização dos produtos, já que, conforme explicitam Adorno & Horkheimer (1985, p. 116): “O esquematismo do procedimento mostra-se no fato de que os produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa”. Esta prática não se materializa apenas em mercadorias simbólicas que lidam com a exposição do drama e da ficção; instaura-se inclusive em ambientes que utilizam o recurso da imagem e do deslocamento de equipamentos para informar em tempo real.

No jornalismo, longe de imaginar a existência de uma plena uniformização de conteúdos e de estilos, ocorre um fenômeno curioso: a multiplicidade de canais não elimina a recorrência das mesmas estruturas narrativas, da semelhança na disposição do planejamento visual ou na definição dos critérios de noticiabilidade. Cada vez é mais comum, por exemplo, que a mesma fotografia de jornais concorrentes ocupem o espaço de destaque na primeira página, quando simultaneamente é publicada na imprensa planetária. Fundamentalmente, o fluxo mundial de informações decorrem de, apenas, quatro agências internacionais de notícia: *Reuters, Associated Press, United Press International e France Press*.

Há um outro aspecto: na busca de um meio invariavelmente pautar outro, a agenda de informações tende a repetir os mesmos assuntos, personagens, circunstâncias. Talvez, seja reconfortante para a audiência “se” reconhecer nesta realidade tornada “objetiva e familiar” pelos *mass media*. Nas palavras de Adorno (1986, p. 72): “a tecnologia permite que a escolha e a apresentação da notícia e do comentário a partir de poucos pontos sejam suficientes para tornar homogênea a consciência de inúmeras pessoas”.

1.2 Mediação da Tecnologia e Sensibilidade

No ensaio “Capitalismo Tardio ou Sociedade Industrial”, fundamentando-se na atualidade do método dialético, Adorno (1986, p. 70) explicita que uma das características



marcantes de nossa época “é a preponderância das relações de produção sobre as forças produtivas”. A máquina expeliu o maquinista e se encontra à deriva, diria Horkheimer (1976), para se referir ao progresso técnico e a condição desumanizadora, diante da qual o indivíduo se sente impotente. Eis que a técnica escapa ao domínio particular, sendo que, através dela, é possível decodificar o código genético do homem, renovar fontes de energia, ampliar as redes de comunicação e, paralelamente, conviver sem a permanência da paz, mesmo que tudo esteja ideologicamente associado ao progresso humano.

Como menciona Adorno (1986, p. 67), “os homens continuam não sendo senhores autônomos de sua vida; tal como no mito, sua vida lhes ocorre como destino”. A mistificação, em grande medida, decorre da instauração no plano da cultura da lógica interna do trabalho industrial, no qual se dá o enredamento das relações sociais, de construção de linguagem e da incorporação de um tipo de racionalidade: a instrumental. De acordo com Adorno (1986, p. 67) o obscurecimento da consciência passa pela crença de que o elemento funesto é a técnica. Ou que sua incorporação se dá de forma natural e espontânea.

O sentido educativo do pensamento adorniano, quando faz uma crítica imanente ao uso social da técnica na sociedade administrada, é exatamente tornar consciente esta hodierna forma de mistificação: supor que as tecnologias são forças independentes, necessárias e que caracterizam a distinção entre civilização e barbárie. Identificar a aparelhagem técnica como uma instância autônoma, no dizer de Adorno (1986, p. 72) significa que ela passa a ser a expressão da irracionalidade, lugar que é possível localizar as incongruências entre opulência e miséria; modernidade e uso de aparatos de guerra.

No capitalismo, os aparatos técnicos se constituem uma instância não só produtiva, mas também de repressão e de acomodação dos sentidos humanos. É preciso compreender melhor expressões que definem a tecnologia como mera extensões sensoriais do homem, como faz McLuhan (1969), ou que tendem caracterizá-la na perspectiva de sua naturalização, tal como Lévy deixa entrever no livro “As Tecnologias da Inteligência” e “Cibercultura”, dentre outros escritos sobre a possibilidade dos aparatos da era digital disseminar novas formas de aprendizagem, convivência e gerenciamento do conhecimento.

Tanto a idéia da extensão sensitiva da máquina em relação ao corpo, quanto da naturalização da técnica como força inexorável do progresso - cada qual vista isoladamente das contradições materiais e subjetivas do capitalismo tardio - tem sido formas de escamotear



a desigualdade do uso da técnica pelas sociedades, numa perspectiva de que ela legitima, muitas vezes, o uso de forças econômica e militar, a exemplo dos recentes conflitos na região do Golfo Pérsico.

A irracionalidade, como se depreende, encontra-se em não considerar as condições históricas do componente regressivo presente na técnica e imaginar que um ser demiurgo tenha traçado o destino da humanidade. As formas modernas de mistificação se instauram nos lugares onde se supõe esclarecimento: em particular, tenho procurado na produção jornalística, que deve ser observada não só pelo discurso aparente, mas internamente nas estruturas da narrativa e da hierarquização das informações.

2. Sociedade da Sensação e da (Des)Informação

Na “Dialética do Esclarecimento”, Adorno & Horkheimer (1985, p. 116) assinalam que a indústria cultural propende à uniformização dos próprios meios técnicos. Para a época, o exemplo utilizado é de que a televisão seria um meio sintético do rádio e do cinema. Perseguindo o tempo das transformações tecnológicas, esta constatação se verificaria hoje na Internet, uma estrutura híbrida de meios remanescentes da primeira geração formada pelos suportes impressos e eletrônicos. Na rede, se reconfiguram as mídias tradicionais que adquirem novos formatos, sem que, entretanto, se desprendam da mencionada lógica sistêmica da indústria cultural.

Além dessa uniformização dos meios técnicos, da “Dialética do Esclarecimento” é possível ainda abstrair outro aspecto contemporâneo, qual seja: a indústria cultural propende ao duplo movimento de reordenar os fatos e cultuá-los. Ao destacarem que a indústria cultural recorre ao reino da faticidade, Adorno e Horkheimer (1985, p. 138) identificam um aspecto interno da correspondência entre informação, sensação e representação “objetiva” da realidade.

Marcondes Filho (1989, pp. 39-41), quando descreve “as formas de encobrimento e de falseamento da realidade” decorrentes das técnicas de construção da notícia, do meio técnico e do tratamento dado pela forma como o jornalista estrutura seu mundo, argumenta que a “objetividade” de todo relato social nos *mass media* fica comprometida. Isso também decorre do texto noticioso se caracterizar pela “fragmentação da realidade”, que é acompanhada da



imediatividade. “A produção fragmentada de notícias, assim, é uma técnica também mercadológica. Opera-se, nesse caso, a desvinculação da notícia com seu fundo histórico-social”, complementa.

Há, no relato acima, uma intenção de que seja identificada na produção jornalística a presença do “fetichismo geral da mercadoria no mundo de produção capitalista” (Marcondes Filho, 1989, p. 40). Daí se encontrar desarticulada a suposta proximidade entre fluxos intensos de informação e a existência de uma sociedade esclarecida. Ainda mais quando, na condição de mercadoria, as notícias apresentam como valor de troca a sensação do inusitado, com todos os apelos emocionais e de busca de identificação e projeção da audiência com as tramas e personagens.

Nas aulas de Estética e Cultura de Massa, que ministro há 10 anos nos Cursos da Faculdade de Comunicação da UNIMEP-Universidade Metodista de Piracicaba, tenho enfatizado a importância do conceito de “estetização da realidade”, para os debates que incorporam a dimensão da tecnologia como eixo estético e filosófico a ser considerado na relação entre percepção e conhecimento. A estetização significa um estado de percepção mediada pelas tecnologias, o que supõe sempre uma reconstrução da realidade de acordo com a estrutura e linguagem dos meios.

A mediação da tecnologia no processo de produção de linguagens e significados, tendo em conta o caráter de montagem, fragmentação e de espetacularização dos fatos sociais, como uma lógica imanente à própria estrutura dos meios de comunicação, faz com que o ordenamento da “realidade” se dê mais pela construção narrativa do que propriamente pela capacidade de cada um dos receptores em compreender os nexos entre os acontecimentos. O que isso quer dizer: é possível ir de uma informação a outras, entremeadas de apelos publicitários e de fatos reais intercalados com programação romanesca, sem que se seja possível estabelecer juízos sintéticos e contextualizados.

Diante do frenesi de informações, que fluem de muitos canais e com apelos cada vez mais destacados pela variante do espetáculo, do pretense prazer e do apelo ao sentimentalismo, a (des)informação e o sensacionalismo decorrem não só do conteúdo das matérias jornalísticas e publicitárias, mas, também, da estrutura dos meios de comunicação e do processo de industrial de produção de bens simbólicos, sua circulação pelos aparatos técnicos e recepção distanciada. No livro “Showmalismo – A Notícia Como Espetáculo”,



Arbex Júnior (2001) apresenta inúmeras passagens como correspondente internacional em que demonstra que a informação está gerando um ambiente para a domesticação do imaginário, em especial, pelo ritmo associado à transmissão incessante de notícias e pelo impacto das imagens.

Buscando estender o significado de violência, que não resulta apenas da contrapartida de setores marginalizados dessa sociedade excludente, Marcondes Filho (1996, pp. 209-234) descreve a banalização presente no *fait divers*, condição que explicita o interesse pela violência em sua dimensão mórbida e escatológica, a partir da qual, os meios de comunicação exploram a emotividade e os mecanismos de irracionalidade, quase sempre expondo os fatos como fenômenos individualizados, grotescos. É sintomática a maneira como narram os fatos históricos apelando para a personificação da realidade, aspecto que Marcondes Filho identifica na construção da notícia e na aproximação da esfera pública ao espaço privado da vida cotidiana.

A violência simbólica, na perspectiva de Marcondes Filho (1996), tem um componente estrutural, podendo ser identificada inclusive no deslocamento, na desvalorização do espaço público, na tribalização da sociedade. Nos meios de comunicação, a estetização da violência adquire um componente adaptativo ao choque: significa dizer que o processo de montagem, o formato espetacular das construções sígnicas, o constante jogo de exposição e suspensão de imagens sensacionais, cenas de catástrofes entremeadas de amenidades, enfim, criam uma ambiente de acomodação dos sentidos, numa perspectiva de tornar consentida e desejável a violência, já que se mostra aparentemente mágica e inevitável.

3. Educação e Superação do Pensamento Mágico

Desde que passei a fazer parte do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação, em sua fundação na UFSCar-Universidade Federal de São Carlos, em 1991, tenho desenvolvido pesquisas que busquem explicitar, a partir da observação da mediação tecnológica na produção jornalística e na percepção humana, a situação contraditória do progresso material ocorrer em meio à irracionalidade da barbárie estética. Em outras palavras: como se instaura a mistificação num lugar de produção de informações e, supostamente, de esclarecimento.

Em Adorno, não há uma correspondência imediata entre progresso técnico e científico e uma condição emancipada do indivíduo ou da sociedade. No texto “À Guisa de Introdução: Adorno e a Experiência Formativa”, Wolfgang Leo Maar (In: ADORNO, 1995, p. 16) complementa que: “A Educação já não diz respeito meramente à formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização”. Quer dizer: é possível produzir *Auschwitz* num ambiente culto e educado. Significa, ainda, ter a disposição meios técnicos aplicados à educação e ao processo comunicativo sem, em contrapartida, existir desenvolvimento no plano ético e nas condições de igualdade entre homens, sociedades e culturas.

Tendo em conta as bases materiais da produção no capitalismo tardio, a formação humana já se encontra prejudicada em função do trabalho alienante e que, muitas vezes, não requer alento intelectual e decisão autônoma. A indústria cultural, como resultante da expansão técnica, uma faceta da materialização da razão calculadora, expressa, no dizer de Leo Maar, a “forma repressiva da formação da identidade da subjetividade social contemporânea” – p. 20. Acrescenta que ela “reflete a irracionalidade objetiva da sociedade capitalista tardia, como racionalidade da manipulação das massas” – p. 21.

Em relação à educação para a leitura reflexiva sobre a mediação das tecnologias de informação na sociedade pós-industrial, a perspectiva adorniana passa, portanto, pelo esclarecimento da irracionalidade contida nos mecanismos internos de produção dos artefatos simbólicos. Trata-se de perceber como a cultura adquire a dimensão de mercadoria e como a subjetividade se vê comprometida pela percepção dos fatos em sua condição imediata, o que prejudica a auto-reflexão e a autenticidade da experiência.

No ensaio “O que Significa Elaborar o Passado”, Adorno (1995: p. 43) ao relacionar esquecimento com a sobrevivência do fascismo, destaca o seguinte: que este não pode ser “produzido meramente a partir de disposições subjetivas”. Faz uma menção à organização econômica que obriga “a maioria as pessoas a depender de situações em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não-emancipação”. Complementa:

“Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que remete a idéia de democracia; conseguem sobreviver na medida em que abdicam seu próprio eu. Desvendar as teias do deslumbramento implicaria um doloroso esforço de conhecimento que é travado pela própria situação da vida, com detaque para a indústria cultural intumescida como totalidade. A necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o



existente, com o dado, com o poder enquanto tal, gera o potencial totalitário” (Adorno: 1995,p. 43).

De acordo com Adorno (1995, p. 45), a pedagogia do esclarecimento passa pelo reconhecimento das condições históricas que permitiram justificar o fascismo. Em relação aos meios de comunicação, mesmo reconhecendo a possibilidade de apropriação da técnica para fins educativos, cabe uma reflexão sobre os mecanismos que tornam possível o consentimento da barbárie estética, que pode ser identificada não só em momentos de censura à imprensa, mas, também naqueles em que ela utiliza o estímulo à sensação como recurso para melhorar as estatísticas da audiência.

Nessa perspectiva, é preciso identificar as causas do divertimento impiedoso quando se dilui a violência no humor eivado de preconceitos, nas câmaras ocultas que repetem imagens de pessoas em situação vexatória, de forma pública e caricata, ou ainda nos programas de “reality show” que estimulam a confusão entre realidade e ficção, algo particular em objeto de voyeurismo coletivo. Enfim, a pedagogia do esclarecimento em relação aos *mass media* passa pela auto-reflexão sobre a pré-sensibilização que se estabelece de forma inconsciente em relação ao gosto pelo grotesco.

Num artigo recente, que tem o sugestivo título “O globalismo como Neobarbárie”, Muniz Sodré (2003: p. 32) destaca que:

“a barbárie está inscrita no próprio esquema operativo da economia política enquanto abstração do objeto e do sujeito numa sistematização formal: sujeito e objeto existem na medida em que são comerciáveis, monetarizáveis”.

Esta condição tem sido acirrada no capitalismo tardio, o que torna bem atual a passagem da “Teoria da Semicultura”, na qual Adorno (1996, pp 388-411) explicita que a massificação cultural não confina apenas o espírito, mas também adultera a vida sensorial. A educação dos sentidos, tal como se depreende dos estudos contidos nas obras de Pucci (1995) e Zuin (1998), acaba sendo uma contribuição significativa do GEP Teoria Crítica e Educação⁴ para, com o método dialético, identificar os prejuízos da formação cultural na sociedade que

⁴ O GEP Teoria Crítica e Educação, sob a coordenação geral do prof. dr. Buno Pucci, funciona na UFSCar, UNIMEP e UNESP (Campus de Araraquara). Com auxílio do CNPq, vem pesquisando questões educativas que tomam como eixo a dimensão da tecnologia, cultura e formação.



administra o tempo, a emoção, as mentes e os corações, utilizando-se de recursos técnicos que se valem da sensação e da (des)informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W, *A Indústria Cultural*, Trad. de Amélia Cohn. In: COHN, Gabriel (Org.), *Comunicação e Indústria Cultural*, 4ª edição. São Paulo, Editora Nacional, 1978.

_____. Theodor W. & HORKHEIMER, Max, *Dialética do Esclarecimento* – Fragmentos Filosóficos. Trad. de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985.

_____. Theodor W., *Capitalismo Tardio ou Sociedade Industrial*. IN: COHN, Gabriel, *Theodor W. Adorno / Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. Theodor W., *Educação e Emancipação / Theodor Adorno*, Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995.

_____. Theodor W., *Teoria da Semicultura*, Trad. de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. Moura Abreu. In: *Educação & Sociedade: Revista Quadrimestral de Ciência da Educação*, ano XVII, no. 56, Campinas: Editora Papirus, dez./1996, 388-411.

ARBEX JÚNIOR, José, *Showrnlismo – A Notícia como Espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

COSTA, Belarmino Cesar G. da, *Estética da Violência, Jornalismo e Produção de Sentidos*”. Campinas / Piracicaba: Autores Associados / Editora da Unimep, 2002.

HORKHEIMER, Max, *Eclipse da Razão*, Trad. de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

LÉVY, Pierre, *As Tecnologias da Inteligência – O Futuro do Pensamento na Era da Informática*, Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. Pierre, *Cibercultura*, Trad. de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo, *Muito Além do Jardim Botânico – Um Estudo da Audiência do Jornal Nacional da Globo entre Trabalhadores*. São Paulo: Summus Editorial, 1985.



- MARCONDES FILHO, Ciro, *Capital da Notícia – Jornalismo como Produção Social da Segunda Natureza*, 2^a ed. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. Ciro (Org.), *Pensar – Pulsar: Cultura Comunicacional, Tecnologias, Velocidade*. São Paulo: NTC, 1996.
- McLUHAN, Marshall, *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.
- PUCCI, Bruno (Org.), *Teoria Crítica e Educação – A Questão da Formação Cultural Na Escola de Frankfurt*, 2^a ed. Petrópolis / São Carlos: Vozes / Editora da UFSCar, 1995.
- SODRÉ, Muniz, *O Globalismo como Neobarbárie*. In: MORAES, Dênis (Org.), *Por uma Outra Comunicação – Mídia, Mundialização, Cultura e Poder*. São Paulo: Record, 2003.
- ZUIN et. al., *A Educação Danificada – Contribuições à Teoria Crítica da Educação*. Petrópolis / São Carlos: Vozes / Editora da UFSCar, 1998.